Fratelli tutti:

MEDITAÇÕES DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

FRATELLI TUTTI: MEDITAÇÕES DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

FRATELLI TUTTI: MEDITAÇÕES DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO
PRESIDÊNCIA

Bogotá, D. C., 2020

Primeira edição, Bogotá, D.C., dezembro de 2020
Título original: *Fratelli tutti: meditaciones desde América Latina y El Caribe*

Editorial CELAM
Carrera 5 N.° 118-31
PBX: (571) 587 97 10, ext. 307 - 345 e 351
editora@celam.org

Autores
Card. Leopoldo José Brenes Solórzano
Dom Miguel Cabrejos Vidarte
Dom Rogelio Cabrera López
Dom Juan Carlos Cardenas Toro
Card. Cláudio Hummes
Dom Jorge Eduardo Lozano
Dom Luis José Rueda Aparicio
Dom Launay Saturné
Card. Odilo Pedro Scherer

Direção editorial
Oscar Elizalde Prada

Coordenação editorial
Deisy Mendoza Sanchez

Correção
Oscar Elizalde Prada

Tradução
P. Luis Miguel Modino

Desenho da capa
Milton Ruiz Clavijo

Layout
Doris Andrade B.

Com as devidas licenças eclesiásticas.
Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida no todo ou em parte por qualquer meio sem a prévia autorização por escrito do CELAM.

Conselho Episcopal Latino-Americano, CELAM
Carrera 5 No. 118-31
Apartado aéreo 51086
Tel: (571) 587 97 10
Fax: (571) 587 97 17
celam@celam.org

Sumario

Apresentação
Dom Jorge Eduardo Lozano

Meditação 1
As sombras de um mundo fechado
Dom Rogelio Cabrera López

Meditação 2
Um estranho no caminho
Card. Leopoldo José Brenes Solórzano

Meditação 3
Pensar e gestar um mundo aberto
Card. Odilo Pedro Scherer

Meditação 4
Um coração aberto para o mundo inteiro
Dom Miguel Cabrejos Vidarte

Meditação 5
A melhor política
Dom Luis José Rueda Aparicio

Meditação 6
Diálogo e amizade social
Dom Juan Carlos Cardenas Toro

Meditação 7
Percursos dum novo encontro
Card. Cláudio Hummes

Meditação 8
As religiões a serviço da fraternidade no mundo
Dom Launay Saturné

Apresentação

Dom Jorge Eduardo Lozano
Arcebispo de San Juan de Cuyo, Argentina
Secretário-Geral do CELAM

A publicação da carta encíclica *Fratelli tutti* – assinada em 3 de outubro de 2020 no túmulo de São Francisco de Assis e na véspera de sua festa – confirmou que as questões da fraternidade e amizade social sempre estiveram entre as preocupações do papa Francisco (cf. FT 5). De fato, em suas palavras introdutórias, o Santo Padre nos revela a urgência da dimensão universal do amor fraterno:

> Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras (FT 6).

Na América Latina e no Caribe também experimentamos a necessidade de sermos irmãos e irmãs

sem fronteiras, de nos deixar impregnar pelo testemunho de fraternidade, simplicidade e alegria do *Poverello de Assis*. A pandemia da Covid-19 nos incitou a renascer, entre nós, a um desejo mundial de fraternidade, a sonhar

> ... como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos (FT 8).

Mesmo reconhecendo que "as sombras de um mundo fechado" (capítulo primeiro) pairam sobre esta Pátria Grande, somos encorajados pelo desejo de sermos próximos sem fronteiras, porque "um estranho no caminho" (capítulo dois) nos desafia e nos motiva a ser, cada vez mais, a Igreja samaritana. Com nosso irmão Francisco sabemos que é imperativo "pensar e gerar um mundo aberto" (capítulo terceiro), e ter "um coração aberto ao mundo inteiro" (capítulo quarto). Para isso, é necessário aspirar à "melhor política" (capítulo quinto) que o torne possível e à frutuosa caridade que nos permita redescobrir uma nova cultura em "diálogo e amizade social" (capítulo sexto).

Somos chamados a percorrer "caminhos de reencontro" (capítulo sétimo) – com engenhosidade e audácia – que nos permitirão reconhecer Deus entre os últimos, os empobrecidos, os mais vulneráveis.

Portanto, "se se trata de recomeçar, sempre há de ser a partir dos últimos" (FT 235). Quando assume um novo significado a vocação das "religiões a serviço da fraternidade no mundo" (capítulo oitavo), o Conselho Episcopal Latino-americano – CELAM apresenta estas *oito meditações da América Latina e do Caribe*, inspiradas em cada um dos capítulos de *Fratelli tutti* – daí o título de cada meditação –, com o objetivo de incentivar a esperança e o compromisso com a cultura do encontro e do diálogo, que nos levará a construir pontes de fraternidade e amizade social, pois "cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros" (FT 284).

12 de dezembro de 2020
Festa de Nossa Senhora de Guadalupe
Padroeira da América Latina e do Caribe

As sombras de um mundo fechado

Dom Rogelio Cabrera López
Arcebispo de Monterrey, México
Presidente da Conferência Episcopal Mexicana
Presidente do Conselho de Assuntos Econômicos do CELAM

Vocês acham que eu vim para trazer paz à Terra?
De forma alguma.
Eu não vim para trazer paz, mas para trazer divisão.
(Lucas 12:51)

Sabemos que este texto de são Lucas, em continuidade com o pensamento profético do Antigo Testamento, expressa não um mero desejo de Jesus de Nazaré, mas a confirmação de um fato. O Messias, o Filho de Deus, sabia que sua proposta, suas palavras e ações eram incômodas para aqueles que se recusavam a encontrar, por exemplo, o significado das leis, e estavam apenas preocupados com seu cumprimento. Como os profetas bíblicos, ele anunciou os valores do Reino de seu Pai Deus, mas também denunciou seu afastamento.

Algo semelhante acontece com o papa Francisco, e a encíclica *Fratelli tutti* é outro exemplo de sua incômoda profecia para alguns, especialmente no primeiro capítulo. Do título, *As sombras de um mundo fechado*, é anunciada uma abordagem frontal da realidade que hoje explodiu com a pandemia, para o tipo de mundo que temos construído. Uma abordagem que poderia ser descrita como pessimista, mas que é, ao contrário, profundamente realista. O texto nos coloca diante de um espelho, o que revela nossas fragilidades e vulnerabilidades como sociedade.

O capítulo consiste de 47 números – de 9 a 55 –, com 46 notas de rodapé e 14 seções. Em linguagem simples, e com uma formulação que avança e depois retrocede para esclarecer suas declarações, o papa Francisco delineia as sombras que obscureceram este mundo, fechado para a construção de uma verdadeira fraternidade universal: há sonhos que são quebrados em pedaços, como a integração entre países unidos pela mesma cultura – Europa – ou uma língua comum – América Latina –; a história parece estar retrocedendo, à medida que os conflitos que eram considerados superados são reavivados; e hoje, a "abertura ao mundo" passou a ter apenas um significado econômico e comercial. Vivemos em um planeta unificado por negócios, mas estamos divididos e sozinhos por interesses individualistas. A polarização política e social é uma ocorrência diária e, seguindo os postulados da modernidade, faltam

projetos inclusivos com objetivos de longo prazo: o imediatismo parece estar em toda parte do mundo. É por isso que, no número 17, Sua Santidade lança a primeira rajada luminosa: precisamos nos construir em um "nós" que habita a "casa comum".

O egoísmo generalizado levou ao descarte daqueles que ainda não são úteis, como os não nascidos, e aqueles que já não são mais úteis, como os idosos. O Papa nos lembra, com estas palavras, o texto agora clássico de Aparecida 65: "os excluídos não são apenas 'explorados', mas 'deixados para trás' e 'descartáveis'". Um exemplo terrível deste descarte é o abandono que muitos idosos sofreram devido à pandemia do coronavírus. Na América Latina estamos mais acostumados a cuidar dos idosos da família, mas pouco a pouco esta ideia de isolá-los e deixá-los ao cuidado dos outros está sendo assumida. Estamos testemunhando um pragmatismo que favorece o crescimento, mas não o desenvolvimento integral das pessoas.

A partir do número 22, o papa Francisco questiona novamente: nas sociedades onde as pessoas escrevem, gritam e dizem que os direitos humanos devem ser respeitados, a realidade é que eles não são os mesmos para todos. As mulheres, especialmente as pobres, as camponesas e as indígenas, como é o caso entre nós, são particularmente atormentadas em sua dignidade. No século XXI, a escravidão está presente em formas mais sofisticadas, mas igualmente repugnantes.

Outra sombra deste mundo fechado é a violência, expressa em guerras, ataques, perseguições por razões raciais ou religiosas, e que traz consigo uma necessidade de autopreservação que nos leva a erguer muros ao invés de construir pontes. Parece que todos os avanços científicos e tecnológicos, dos quais nos orgulhamos antes da pandemia, não ajudaram a construir uma direção comum, e toleramos ter que viver juntos, mas não apreciamos a riqueza da vida comunitária.

No coração do capítulo, o papa Francisco aborda o terrível flagelo da pandemia da Covid-19. Ele nos diz que o vírus mostrou nossa vulnerabilidade e destruiu nossa aparente grandeza. Voltaremos ao mundo que vínhamos construindo? Voltaremos a um sistema que privilegia o ganho econômico sobre o respeito à dignidade humana? É necessário, nos convida o Papa, que recuperemos a paixão compartilhada por uma comunidade de pertença e solidariedade.

Este capítulo não poderia perder um tema que é central para o papa Francisco e que tanto nos afeta na América Latina: os migrantes. Entendendo os medos naturais que sentimos em relação às pessoas vindas de outros países, ele nos convida a superar esses medos, e a encontrá-los. Como já foi dito ao longo da encíclica: passemos de "os outros" para "nós". O capítulo começa a se concretizar quando o Papa denuncia a comunicação digital que, em vez de nos aproximar, favoreceu uma agressividade

sem limites e não garante um aumento de nossa sabedoria.

Estou feliz que o sucessor de Pedro esteja nos questionando. Que sejamos capazes de nos abrir à sua mensagem, de nos deixar questionar por suas provocações, de aplicar seu Magistério à nossa América Latina, e de ser encorajados por seu convite à esperança com o qual ele conclui este capítulo: "a esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna. Caminhemos na esperança!" (FT 55).

Um estranho no caminho

Card. Leopoldo José Brenes Solórzano
Arcebispo de Manágua, Nicarágua
Presidente da Conferência Episcopal da Nicarágua
Segundo Vice-Presidente do CELAM

No caminho com Jesus, sempre a partir da grandeza de sua misericórdia, antes do tropeço e das perguntas para testá-lo, encontramos seu olhar, sua mensagem, sua palavra simples a ser compreendida, e com a intenção não de nos humilhar, mas de nos conduzir a uma mudança, a uma conversão.

O papa Francisco, também com um método simples e muito próprio das suas mensagens, faz uso de experiências e vivências de sua dimensão de pastor, para nos levar a um encontro pessoal com Jesus Cristo, assim como a um encontro com nosso irmão.

O título da encíclica, *Fratelli tutti*, já é um desafio que também representa uma pergunta: *Irmãos todos*, "uma grande utopia do Santo Padre", disse-me um paroquiano quando comentei com ele, dias antes,

a fim de nos prepararmos para receber a encíclica. "É o desafio que o Senhor nos dá através do Papa, sim, continuou ele, talvez o consigamos quando morrermos e aqueles que ganham seu caminho para o céu o vivam".

De seu método simples, este segundo capítulo, propõe uma das parábolas mais conhecidas: a do samaritano, e o Papa nos desafia: "apesar desta encíclica se dirigir a todas as pessoas de boa vontade, independentemente das suas convicções religiosas, a parábola em questão é expressa de tal maneira que qualquer um de nós pode deixar-se interpelar por ela" (FT 56). Nisso reside o desafio que temos que enfrentar.

A pergunta: onde está seu irmão? continua a ter neste mundo a mesma resposta que Caim deu a Deus. Hoje tem outro conteúdo: "cada um puxa água para seu moinho", ou "salve-se como puder, estou onde estou pelo meu esforço", "ninguém me ajudou, portanto não sou obrigado a ajudar o outro". Pastoralmente, muitas vezes vemos comunidades, dentro de nossas paróquias, que são uma espécie de clube, grupos fechados e isolados.

Hoje há muitos abandonados, como o homem ferido na parábola, a partir do ambiente familiar. Penso em tantos idosos que andam pelas ruas como mendigos, e onde estão as crianças e parentes? Crianças recém-nascidas abandonadas nos hospitais, e os pais, onde está sua família?,

não só as abandonaram, como foram para o mais longe possível.

Muitos pais não têm tempo para ouvir seus filhos, porque há outros compromissos pessoais a serem cobertos. Diante disso, a encíclica nos desafia: não é possível perder alguns minutos para atender nossos adultos, nossos filhos, nosso próximo? A encíclica nos exorta a colocar tudo de lado e a dedicar tempo aos abandonados.

Diante de realidades tão duras como as que estamos vivendo,

> Esta parábola é um ícone iluminador, capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos de tomar para reconstruir este mundo que nos está a peito. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano" (FT 67).

Sem dúvida, este deve ser "o é o desafio atual, de que não devemos ter medo" (FT 70).

Não passar batido é, lá no fundo, parte da mensagem da encíclica. Cada um de nós tem uma oportunidade diária de ser como o samaritano, e pudemos sentir isto durante estes meses quando fomos atacados pela pandemia da Covid-19, quando a solidariedade de muitos irmãos foi evidente, especialmente a dos pobres entre os pobres. Pudemos ver a viúva compartilhando um pouco de farinha e a moedinha que ela guardava no fundo de seu bolso.

Devemos tomar consciência do grande ideal de corresponsabilidade na marcha e no bem-estar de nossa sociedade. "É possível começar por baixo e caso a caso, lutar pelo mais concreto e local, até ao último ângulo da pátria e do mundo" (FT 78); "sejamos parte ativa na reabilitação e apoio das sociedades feridas (...); sejamos outros bons samaritanos que tomam sobre si a dor dos fracassos, em vez de fomentar ódios e ressentimentos" (FT 77).

Diante da urgência de apoiar os doentes ou aqueles que haviam perdido seus empregos devido à pandemia, muitas instituições em nossa arquidiocese se ofereceram para nos apoiar com alimentos e outras ações. Entretanto, naquela época pensei na busca do protagonismo, e estabeleci uma condição: que nada deveria ter qualquer rótulo ou propaganda do doador, já que me lembrei que o samaritano não buscava qualquer reconhecimento, talvez apenas a alegria e a felicidade de ter ajudado um ser humano.

O Santo Padre, nesta encíclica, em nome da própria pessoa de Cristo, nos diz: vá, faça o mesmo! Além disso, a proposta desta parábola no segundo capítulo, marca todo um percurso presente nos outros seis, já que "a encíclica não se limita a considerar a fraternidade como um instrumento ou um desejo, mas delineia uma cultura de fraternidade a ser aplicada às relações internacionais", como disse o Cardeal Pietro Parolín.

Além disso, pensemos que

> ... este encontro misericordioso entre um samaritano e um judeu é uma forte provocação, que desmente toda a manipulação ideológica, desafiando-nos a ampliar o nosso círculo, a dar à nossa capacidade de amar uma dimensão universal capaz de ultrapassar todos os preconceitos, todas as barreiras históricas ou culturais, todos os interesses mesquinhos (FT 83).

Irmãos todos, "deve ir e fazer o mesmo" (*Lc* 10:37).

Pensar e criar um mundo aberto

Card. Odilo P. Scherer
Arcebispo de São Paulo, Brasil
Primer Vice-Presidente do CELAM

Depois de se referir às sombras que marcam os tempos atuais, "um mundo fechado", o papa Francisco convida a repensar o mundo de forma mais aberta mediante os valores do amor e da fraternidade.

Não se pode continuar a pensar e planejar o mundo para poucos privilegiados, onde são deixados à margem tantos irmãos, que têm a mesma dignidade e os mesmos direitos. Nem basta afirmar de maneira teórica os princípios de liberdade, fraternidade e igualdade: se esses belos princípios tiverem uma orientação e uma prática individualista, acabarão produzindo o contrário do que significam. Eles deveriam estar animados pela força da solidariedade e a própria afirmação dos direitos, para não ser desvirtuada, precisa priorizar os direitos universais, sem fronteiras e sem discriminação.

O Francisco repercute palavras do Concílio Vaticano II, ao afirmar que o ser humano não é feito para viver isolado e que encontra a sua plenitude somente na abertura e no amor sincero ao outro (cf GS 24). O mundo contemporâneo, de maneira geral, está marcado por uma forte tendência cultural individualista, que leva ao fechamento diante do outro e daquele que é diferente. A solução para esse estado de coisas é pensar e promover um mundo aberto.

O Papa convida a levantar os olhos para além do círculo estreito dos interesses particulares, ou dos grupos restritos. A preocupação fechada com os interesses particulares, ou voltada apenas para o próprio grupo, torna-se estéril e perde seu sentido rapidamente. Relações humanas autênticas e fecundas são abertas aos outros e fazem crescer e enriquecer reciprocamente. Francisco convida as pessoas e comunidades a se abrirem a um amor sem fronteiras, que não deve ser confundido com um universalismo falso ou autoritário, que pretende homogeneizar e eliminar as diferenças. O amor universal deverá ser respeitoso das diferenças e da dignidade humana.

Francisco faz uma consideração crítica sobre o individualismo e o liberalismo que, por um lado, preconizam a liberdade como valor humano supremo mas, por outro lado, não levam em conta as diferenças entre as pessoas, grupos e povos. Nem todos estão em condições iguais para fazerem valer

a sua liberdade e sua dignidade. Por isso mesmo, a afirmação da liberdade, desvinculada do princípio da dignidade, pode levar à distorção do sentido da liberdade, oferecendo a base para a afirmação dos mais fortes sobre os mais fracos. Por isso mesmo, a liberdade não deve servir apenas para formar uma comunidade de sócios, mas de irmãos. Sócios unem-se por interesses compartilhados e irmãos unem-se para se valorizar e ajudar, o que vai muito além dos interesses.

Francisco refere-se à necessidade de superar a interpretação individualista de valores caros à modernidade, como a liberdade e os direitos humanos. A liberdade é importante mas quando é afirmada de maneira isolada e individualista, ela pode levar a uma imensa solidão e a ferir o direito dos outros. Da mesma forma, a afirmação individualista dos direitos humanos pode acirrar conflitos e levar ao desrespeito dos direitos universais.

A correta compreensão dos direitos humanos e da liberdade deve levar em conta a fraternidade, unida à busca do bem moral. A cultura individualista precisa ser superada por uma cultura baseada na solidariedade, na qual haja sempre a preocupação pelos outros, sobretudo pelos últimos e os mais vulneráveis da sociedade. A solidariedade é uma importante virtude moral e um comportamento social, que precisa ser aprendida mediante a educação, desde a infância.

Ainda na proposta de criar um mundo aberto e fraterno, o Papa retoma o tema da destinação universal dos bens da criação, como primeiro princípio de ética social. A partir desse princípio, trata também da função social da propriedade privada, que não deveria servir para a acumulação desmedida, mas para assegurar dignidade às pessoas. O mesmo princípio também deveria ser aplicado às relações econômicas e financeiras internacionais. Francisco inova, de certa forma, o ensino social da Igreja, ao invocar a fraternidade como princípio básico de ética social e econômica e como via para a superação das grandes desigualdades sociais e injustiças econômicas entre pessoas, grupos países.

As desigualdades e injustiças não serão superadas mediante o liberalismo e a afirmação individualista de direitos, mas mediante a fraternidade. A comunidade humana precisa de uma nova ética de convivência, que marque as relações entre as pessoas e os grupos, mas também entre os povos e nações. Todo ser humano é meu irmão e irmã, diz o Papa, não importando o povo ou a nação aos quais pertença. Somente assim será possível superar o medo, a discórdia e os conflitos e assegurar vida digna para todos.

Um coração aberto para o mundo

Dom Miguel Cabrejos Vidarte
Arcebispo de Trujillo, Peru
Presidente da Conferência Episcopal Peruana
Presidente do CELAM

A solidariedade vai além das fronteiras

No título do capítulo quatro da encíclica, o papa Francisco enfatiza a necessidade de ter "um coração aberto para o mundo", numa época em que muitos países, especialmente no Norte global, estão fortalecendo suas fronteiras e erguendo muros para limitar drasticamente a entrada de migrantes. Não se leva em conta que a maioria dos refugiados e migrantes saem de situações de grande precariedade, onde tiveram que sobreviver em condições subumanas.

Por esta razão, o Papa apela para maiores esforços comuns para que nos países de origem sejam geradas as condições necessárias "para próprio o desenvolvimento integral" (FT 129) das pessoas. Ao mesmo tempo, ele sustenta que embora em muitos países ainda não existam as condições necessárias

para isso, "é nosso dever respeitar o direito que tem todo o ser humano de encontrar um lugar onde possa não apenas satisfazer as necessidades básicas dele e da sua família, mas também realizar-se plenamente como pessoa" (FT 129).

Certamente, é um grande desafio para nossos países da América Latina e do Caribe, onde vivemos em condições muito difíceis, marcadas por muitos anos de escassez de oportunidades de emprego e renda e exacerbadas pela pandemia, acolher migrantes que deixaram países em condições ainda piores. Aqui a força de nossa fé em Deus, o Pai de todos os povos, que os ama ternamente como seus filhos e filhas, é posta à prova.

Esta fé implica no reconhecimento mútuo como irmãos e irmãs; exige nossa disposição de "nos colocarmos no lugar do "outro", da pessoa migrante e olhar a realidade a partir de sua perspectiva (FT 128), deixando que nossos corações sejam tocados e nos abramos "a novas reações" (FT 128), de empatia, compaixão e solidariedade.

Jesus nos revelou através de suas palavras e ações que Deus tem um coração aberto para cada pessoa, de maneira especial para todos aqueles que vivem em situações de pobreza e extrema vulnerabilidade; para Deus ninguém "sobra" e ninguém é "descartável". Portanto, a fé em Deus é um chamado permanente e uma motivação para viver com um coração aberto aos migrantes e refugiados.

Acolher, proteger, promover e integrar

Nestes quatro verbos, o Papa resume os esforços que somos chamados a fazer "a favor das pessoas migrantes que chegam" (FT 129). Pode-se ver muito claramente como o Papa se inspira em Francisco de Assis, que nos deu o belo exemplo de nos tornarmos irmãos e irmãs de outros, particularmente dos pobres, desprezados e descartados de seu tempo, seguindo as pegadas de Jesus, nosso irmão mais velho. Isto exige que superemos atitudes egocêntricas, bem como que cresçamos em um amor gratuito e generoso por nossos irmãos e irmãs necessitados.

O Papa pede ações concretas por parte dos respectivos países e comunidades humanas para acolher, proteger, promover e integrar migrantes, tais como "abrir corredores humanitários", garantir assistência consular adequada, garantir segurança pessoal e acesso a serviços básicos, e preparar comunidades para processos de integração (FT 130).

Também é importante notar que o Papa defende o estabelecimento "do conceito de cidadania plena" (FT 131) em nossas sociedades e assim "renunciar ao uso da palavra 'minorias'" (FT 131), o que é discriminatório, pois facilmente leva a considerar e tratar as pessoas pertencentes ao 'grupo minoritário' como inferiores, marginalizando-as ou isolando-as. Este termo frequentemente "prepara o terreno para as hostilidades e a discórdia" (FT 131). Da fé cristã,

somos chamados a afirmar e defender "a mesma dignidade inalienável de todo o ser humano" (FT 133) e a promover uma "amizade social" que nos encoraje a identificar e "valorizar aquilo que nos une e olhar as diferenças como possibilidades de crescimento no respeito por todos" (FT 134).

A migração como uma fonte de enriquecimento cultural mútuo

De nossas instituições eclesiais, paróquias, comunidades, movimentos, assim como da vida religiosa, somos chamados a fazer nossa parte para que os imigrantes, homens, mulheres e crianças, não sejam vistos como uma ameaça, mas como "uma oportunidade de enriquecimento e desenvolvimento humano integral para todos" (FT 133), porque se a integração em nossas sociedades for facilitada, acompanhando-os com amor solidário e paciência, os imigrantes "os imigrantes são uma bênção, uma riqueza e um novo dom, que convida a sociedade a crescer" (FT 135). A ajuda mútua é essencial nestes tempos de pandemia porque "hoje, ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém" (FT 137).

Também é importante mencionar que, diante da grande crise humanitária que estamos atravessando, o papa Francisco, profundamente preocupado com a justiça global e o bem comum, afirma categoricamente: "Precisamos que um ordenamento jurídico, político e económico mundial 'incremente e guie a colaboração internacional para o desenvolvimento

solidário de todos os povos'. Isto redundará em benefício de todo o planeta" (FT 138).

O local em um horizonte universal

O Papa reconhece que em nosso mundo há frequentemente uma tensão conflitante entre o "local" e o "global" e que há uma tendência crescente de perceber o global apenas como uma ameaça e reagir a ele com localismos e nacionalismos fechados (FT 141 e 146).

Mas o que é urgentemente necessário em nosso mundo de hoje, em benefício dos diversos povos e suas inter-relações, é um equilíbrio saudável entre o local e o global. Pois, como comenta o Papa, "É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha quotidianidade" (FT 142). E acrescenta: "Ao mesmo tempo convém não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra" (FT 142).

É preciso os dois "polos" para não cair em posições extremas de um lado ou do outro. Com o papa Francisco, queremos enfatizar que "a fraternidade universal e a amizade social dentro de cada sociedade são dois polos inseparáveis e ambos essenciais" (FT 142).

No seguimento de Jesus e encorajados pelo exemplo de São Francisco de Assis, vivamos com alegria a vocação cristã de praticar e promover o local e o global. Paz e bem.

A melhor política

Dom Luis José Rueda Aparicio
Arcebispo de Bogotá

O quinto capítulo da carta encíclica *Fratelli tutti* abre com um parágrafo que resume e antecipa o propósito do papa Francisco nesta seção de sua encíclica; neste parágrafo há uma versão condensada do que ele desenvolverá ao longo do capítulo, e aí também está o título escolhido para este capítulo. Vejamos isso:

> Para se tornar possível o desenvolvimento duma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a política melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum. Mas hoje, infelizmente, muitas vezes a política assume formas que dificultam o caminho para um mundo diferente (FT 154).

Podemos ver aqui, em germes, uma dinâmica interna do capítulo em três momentos: a realidade da política atual, a iluminação da política saudável e as ações propostas.

A realidade da política atual

Atualmente, podemos ver a realidade negativa, "infelizmente", das formas de política que em vez de facilitar "dificultam", porque escondem "o desprezo dos fracos". Encontramos este primeiro momento desenvolvido nos números 155 a 169, com um título: *populismos e liberalismos*. Aqui também podemos anexar o tópico intitulado: *o poder internacional*, que está nos números 170 a 175.

O Papa denuncia que foi construída uma polarização entre populistas e não populistas, e a forma como este estilo de divisão tenta encaixotar as pessoas e organizações sociais. Sabemos que toda polarização é prejudicial porque gera rivalidades perigosas, polêmicas estéreis, e também produz excessos que exaltam ou desacreditam injustamente pessoas e organizações.

O "desprezo pelos fracos" é a grande lacuna nas tendências com "formas populistas", porque as utilizam demagogicamente para atingir seus fins, bem como aquelas com "formas neoliberais" individualistas, porque as colocam a serviço de poderosos interesses econômicos. Vejamos algumas chaves para avançar:

- *O povo*: somos chamados a trabalhar pela identidade comum do povo, como uma categoria aberta, formada por laços sociais e culturais; um povo vivo, capaz de novas sínteses incorporando o diferente, caminhando para

o bem comum, com lideranças populares capazes de interpretar o sentimento comum e colocar-se a serviço do povo.

- *O trabalho*: É necessário promover a existência digna do povo através do trabalho, como uma dimensão inalienável da vida social que estabelece relações saudáveis e permite a produção comunitária a fim de alcançar o desenvolvimento humano integral.

Para conseguir a implementação dessas duas chaves, é necessária uma verdadeira mudança nos corações humanos, uma verdadeira conversão de vida.

A iluminação da política saudável

O papa Francisco passa então a propor "a melhor política", aquela política que está a serviço do bem comum, da fraternidade e da amizade social. Este segundo momento começa com uma pergunta: "Poderá encontrar um caminho eficaz para a fraternidade universal e a paz social sem uma boa política?". Encontramos a resposta desenvolvida nos números 176 a 185, com um título: *uma caridade social e política*. Aí encontramos propostas esclarecedoras:

- *A política saudável*: precisamos de uma política que assuma um projeto comum de humanidade presente e futura, que não se submeta à economia, que pense no bem comum a longo prazo, "uma economia integrada num

projeto político, social, cultural e popular que vise o bem comum" (FT 179).

- *O Amor político*: quando reconhecemos cada ser humano como irmão ou irmã, desenvolvemos um sentido social e superamos toda forma de individualismo, então nasce o amor político: "A caridade social leva-nos a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas, consideradas não só individualmente, mas também na dimensão social que as une" (FT 182).

- *O Amor efetivo*: o amor social é efetivo, capaz de construir um mundo novo; este amor social, para ser efetivo, precisa da luz da verdade, *caritas in veritate*, e só assim pode superar a emoção privada e o relativismo: "Com efeito, quando está em jogo o bem dos outros, não bastam as boas intenções, mas é preciso conseguir efetivamente aquilo de que eles e seus países necessitam para se realizar" (FT 185).

As ações propostas

Podemos então passar à terceira parte do quinto capítulo, na qual o papa Francisco nos leva a aprofundar o amor "imperado", entendido como aqueles atos de caridade que levam à criação de instituições mais saudáveis, regulamentos mais justos e estruturas mais solidárias. Este tema é desenvolvido em duas seções, a primeira intitulada: a atividade do

amor político, encontramo-la nos números 186 a 192; a segunda, com o título: mais fecundidade que resultados, é a seção que vai do número 193 ao 197. A partir daí, podemos levar para nossa vida pessoal e comunitária as seguintes propostas:

- "Só com um olhar cujo horizonte esteja transformado pela caridade, levando-nos a perceber a dignidade do outro, é que os pobres são reconhecidos e apreciados na sua dignidade imensa, respeitados no seu estilo próprio e cultura e, por conseguinte, verdadeiramente integrados na sociedade. *Um tal olhar é o núcleo do autêntico espírito da política*" (FT 187).

- "Por isso a política mundial não pode deixar de colocar entre seus objetivos principais e irrenunciáveis o de *eliminar efetivamente a fome*. Com efeito, «quando a especulação financeira condiciona o preço dos alimentos, tratando-os como uma mercadoria qualquer, milhões de pessoas sofrem e morrem de fome. Por outro lado, descartam-se toneladas de alimentos. Isto constitui um verdadeiro escândalo. A fome é criminosa, a alimentação é um direito inalienável" (FT 189).

- "Enquanto os fanatismos, as lógicas fechadas e a fragmentação social e cultural proliferam na sociedade atual, um bom político dá o primeiro passo para que se ouçam as diferentes vozes" (FT 191).

- "Na atividade política, é preciso recordar-se de que «independentemente da aparência, cada um é imensamente sagrado e merece o nosso afeto e a nossa dedicação. Por isso, se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida. É maravilhoso ser povo fiel de Deus. E ganhamos plenitude, quando derrubamos os muros e o coração se enche de rostos e de nomes!" (FT 195).

E concluo esta abordagem do quinto capítulo convidando-nos a abordar e dialogar com os líderes políticos, como seres humanos, como irmãos com vocação especial, porque eles precisam da Igreja e, de maneira especial, daqueles de nós que têm a missão de pastorear, as luzes, os caminhos e meios que os levarão a viver uma espiritualidade política sólida e coerente a serviço do bem comum.

"Na política, há lugar também para amar com ternura. «Em que consiste a ternura? No amor, que se torna próximo e concreto" (FT 194).

Diálogo e amizade social

Dom Juan Carlos Cardenas Toro
Bispo de Pasto, Colômbia

"O diálogo (...) de forma discreta mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor" (FT 198).

Fiel a sua convicção de que em toda situação de conflito que o ser humano deve superar, o caminho é o diálogo, o papa Francisco propõe este caminho em sua terceira encíclica a fim de fomentar as condições para a possibilidade de um clima coletivo que conduza ao ideal de amizade social.

Gostaria de propor este caminho em quatro momentos, que a partir do diálogo pode ajudar a humanidade a progredir em direção ao cenário desejado de amizade social.

Diálogo que gera encontro

O Papa afirma que uma das características mais importantes do diálogo é a capacidade de respeitar

o ponto de vista do outro; e também que o verdadeiro espírito de diálogo

> (...) nutre-se a capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria. Deste modo torna-se possível ser sincero, sem dissimular o que acreditamos, nem deixar de dialogar, procurar pontos de contacto e sobretudo trabalhar e lutar juntos (FT 203).

O proponente do caminho da amizade social está aqui, no desmantelamento de preconceitos que têm condicionado as pessoas a basear suas conversas na mera troca de opiniões, não baseadas em argumentos respeitosos ou convicções, mas alimentadas pela animosidade e palavras carregadas de emoções descontroladas.

Tais atitudes erguem muros que impedem as pessoas de estarem abertas para descobrir respeitosamente o outro e o vasto mundo de suas perspectivas, sem ter que abrir mão de suas próprias perspectivas. Devemos trabalhar para remover do diálogo as "desqualificações humilhantes" ou as "manipulações motivadas por egos e interesses pessoais", se quisermos chegar ao encontro.

O diálogo autêntico constrói pontes para cultivar o encontro, entendido como "um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas

faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes" (FT 215).

Este exercício de diálogo que gera encontros – e não desacordos – deve ter um critério chave: "de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo" (FT 215).

Um encontro que gera cultura

Quando o encontro é assumido como um "estilo de vida" que reconhece na diversidade um valor que enriquece, ele ativa o seguinte movimento: do encontro para a cultura.

O papa Francisco corretamente chama esta apropriação pessoal e coletiva de uma "cultura do encontro". E é cultura porque "penetrou no povo, suas convicções mais acarinhadas".

Indo mais além, o Santo Padre explica que "falar de 'cultura do encontro' significa que nos apaixona, como povo, querer encontrar-nos, procurar pontos de contacto, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos" (FT, 216).

Para que o encontro se torne um modo de vida, uma cultura, é necessária a paciência do artesão que pouco a pouco está tecendo a rede de relações que dispõe, não um setor isolado mas o coletivo em geral, para entrar nesta dinâmica de relacionar-se com todos, não apenas com aqueles com quem

encontro muitos pontos de contato e coincidências religiosas, ideológicas, econômicas, etc.

Cultura que se torna convivência

Dando mais um passo nestes movimentos que vão cada vez mais fundo no tecido das relações humanas, a cultura do encontro está gerando as condições de possibilidade para outro nível: a convivência.

Isto também é chamado de "paz social", e tem como tarefa a integração de todos, prestando especial atenção às diferenças, assumindo-as não como uma ameaça, mas como uma oportunidade de crescimento e maior riqueza coletiva.

Neste sentido, o Santo Padre contribui com um critério chave que ajuda a fazer da cultura do encontro um foco que gera uma coexistência social saudável: "até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros, têm algo a oferecer que não se deve perder" (FT 217).

Convivência que constrói a amizade social

Finalmente, quando se vai além disso e se trabalha duro para forjar uma verdadeira convivência, os elementos que antes eram a motivação para a suspeita, o medo e a separação, são transformados em laços mais fortes e profundos. As condições para passar da convivência para a amizade social são dadas.

A amizade supõe ver no outro um bem para mim, um bem para a sociedade; trata-se de reconhecer que o outro tem muito a contribuir para mim e na troca de vidas, de experiências, se cresce.

E a amizade é alcançada através do cultivo da bondade, que o Papa define da seguinte forma: "é um modo de tratar os outros, que se manifesta de diferentes formas: amabilidade no trato, cuidado para não magoar com as palavras ou os gestos, tentativa de aliviar o peso dos outros" (FT 223).

Será muito bom para os homens e mulheres de nosso tempo entender isto e comprometer muitas de nossas energias para parar e nos tratar bem. É assim que se forjam as amizades mais profundas.

Percursos dum novo encontro

Card. Cláudio Hummes
Arcebispo Emérito de São Paulo, Brasil
Presidente da Conferência Eclesial da Amazônia

O sétimo capítulo da encíclica *Fratelli tutti* quer oferecer um caminho para que pessoas, comunidades humanas e até mesmo a família humana como tal consigam construir a reconciliação na hodierna sociedade humana fragmentada, conflitada, violenta, imersa em guerras fratricidas intermináveis e ódios destruidores.

No contexto amplo da encíclica, a questão da reconciliação e do perdão se impõe. No mundo atual de desencontros é preciso construir "percursos dum novo encontro". Só assim se poderá construir a paz. Diz o texto: "fazem falta percursos de paz que levem a cicatrizar as feridas, há necessidade de artesãos de paz, prontos a gerar, com inventiva e ousadia, processos de cura e de um novo encontro" (FT 225). Este parágrafo apresenta uma das marcas do Papa Francisco, quando fala de "inventiva e ousadia"! Francisco sempre estimula a sonhar para frente,

a ser criativo e inventivo, com "ousadia". A ousadia vence o medo e abre novos horizontes. Porém, tal ousadia implica riscos de errar, mas que se corrigem humildemente, porque "errar é humano"! Só assim se possibilitam "novos" caminhos, "processos de cura e de um novo encontro".

No início deste processo, diz o Papa, está a busca e o reconhecimento da "verdade" nua e crua. Não se constrói paz em cima de mentiras, de "diplomacias vazias, discussões, discursos com duplo sentido, ocultamentos, bons modos que escondem a realidade" (FT 226). Pois, "a verdade é uma companheira inseparável da justiça e da misericórdia" (FT 227). Sem a verdade a misericórdia pode ferir a justiça ou a justiça pode ser desumana. "A verdade não deve levar à vingança, mas antes à reconciliação e ao perdão", pois "a violência gera mais violência, o ódio gera mais ódio, e a morte mais morte. Temos de quebrar esta corrente que aparece como inelutável" (FT 227). Jesus ensina: "ouvistes o que foi dito: *olho por olho e dente por dente*. Eu, porém, vos digo: não ofereçais resistência ao malvado! Pelo contrário, ao que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra" (*Mt* 5, 38-39).

Falando da construção da paz, o Papa afirma com realismo: "o percurso para a paz não implica homogeneizar a sociedade, mas permite-nos trabalhar juntos" (FT 228). Há diferentes contribuições a serem reconhecidas e integradas, como valor

agregado, no processo "em prol do bem comum". "O caminho para uma melhor convivência implica sempre reconhecer a possibilidade de que o outro contribua com uma perspectiva legítima, pelos menos em parte, algo que possa ser recuperado, mesmo que se tenha equivocado ou tenha agido mal" (FT 228).

Outro elemento fundamental é reconhecer e promover o sentimento de "pertença" de todos e de cada um à família humana. Ninguém deve ser excluído nem descartado nem deixado para trás. "Nossa sociedade ganha, quando cada pessoa, cada grupo social se sente verdadeiramente de casa. (...) Amamos a nossa sociedade, ou continua a ser algo distante, algo anônimo, que não nos corresponde, não nos insere, não nos compromete?" (FT 230). Se assim fosse, aceitaríamos integrar um processo de "um novo encontro"? Para nos sentirmos e sermos "de casa"? "Muitas vezes há grande necessidade de negociar e, assim, desenvolver percursos concretos para a paz. Mas os processos efetivos duma paz duradoura são, antes de mais nada, transformações artesanais realizadas pelos povos, onde cada pessoa pode ser um fermento eficaz com o seu estilo de vida diária" (FT 231), afirma o Papa, valorizando o quotidiano da vida real.

Nunca esquecer que o percurso deve começar "a partir dos últimos", que sempre são as vítimas principais de todas as guerras e desigualdades (cf. FT 235).

Assim, o texto chega ao núcleo difícil da questão, que é o perdão e a memória. A paz social supõe uma "cultura do encontro". E esta inclui a necessidade do perdão e da memória. Jesus ensina que é preciso "perdoar até setenta vezes sete" (*Mt* 18, 22).

> Não se trata de propor um perdão renunciando aos próprios direitos perante um poderoso corrupto, um criminoso ou alguém que degrada a nossa dignidade. Somos chamados a amar a todos, sem exceção, mas amar um opressor não significa consentir que continue a ser tal; nem leva-lo a pensar que é aceitável o que faz (FT 241).

O Papa acrescenta: "A verdadeira reconciliação não foge do conflito, mas alcança-se dentro do conflito, superando-o através do diálogo e de negociações transparentes, sinceras e pacientes" (FT 244). É um processo e não um decreto pontual.

Perdoar não significa esquecer. "Nunca se deve propor o esquecimento. A *Shoa* não deve ser esquecida" (FT 246 y 247).

Finalmente, neste sétimo capítulo, *Fratelli tutti* enfrenta dois temas extremos: a guerra e a pena de morte. "São respostas falsas, não resolvem os problemas que pretendem superar e, em última análise, nada mais fazem que acrescentar novos fatores de destruição no tecido da sociedade nacional e mundial" (FT 255).

As religiões a serviço da fraternidade no mundo

Dom Launay Saturno
Arcebispo de Cap-Haïtien
Presidente da Conferência Episcopal do Haiti

Através destas breves reflexões sobre o oitavo capítulo *As religiões a serviço da fraternidade no mundo* (FT 271-287), da terceira carta encíclica do papa Francisco – após *Lumen fidei*, de 2013, e *Laudato si'*, de 2015 – *Fratelli tutti*, sobre fraternidade e amizade Social (3 de outubro de 2020), a Conferência Episcopal do Haiti (CEH) deseja compartilhar sua modesta contribuição para as muitas reflexões que esta encíclica tem estimulado dentro das Conferências Episcopais.

Digamos, antes de tudo, que a CEH acolheu calorosamente esta "encíclica social" que o Santo Padre quis escrever "a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras" (FT 6).

Olhando especificamente para nossa realidade latino-americana e caribenha, estamos agradavelmente surpresos com a atual relevância das reflexões do papa Francisco em *Fratelli tutti* e, sobretudo, com o urgente apelo que ele dirige às religiões - cristãs e não cristãs - para estar sinceramente a serviço da paz, da justiça, da fraternidade, do amor fraterno e da amizade social. De fato, nossa realidade latino-americana e caribenha é caracterizada precisamente por esta sede – e, portanto, pela falta ou ausência – de paz, justiça, fraternidade, amor fraterno e amizade social.

Sem pretender fazer uma análise exaustiva ou levar em consideração todos os aspectos da realidade vivida pelos povos latino-americanos e caribenhos, gostaríamos de enfatizar o quanto o oitavo capítulo da *Fratelli tutti* nos leva – ou deveria nos levar – a concentrar nossa atenção em todas as tendências sociais, culturais e religiosas desta realidade, que favorecem a promoção da paz, da justiça, da fraternidade, do amor fraterno e da amizade social; mas também nas tendências que a dificultam.

Recordando, desde o início, que "as várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade" (FT 271), o Papa Francisco sutilmente convida as religiões – cristãs e não cristãs – a um verdadeiro trabalho de autocrítica,

perguntando-se em que medida elas verdadeiramente contribuem para a construção da fraternidade e para a defesa da justiça nas sociedades latino-americanas e caribenhas.

À luz do oitavo capítulo de *Fratelli tutti*, os membros das diversas religiões são convidados a fazer um verdadeiro exame de consciência perguntando-se, com toda sinceridade, se são realmente capazes de realizar aquele diálogo ao qual o Santo Padre se refere, um diálogo que "não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. Como ensinaram os bispos da Índia, 'o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor'" (FT 271).

Partilhamos a profunda convicção do papa Francisco de que "entre as religiões é possível um caminho de paz" (FT 281) e que os crentes, qualquer que seja sua religião, "precisam de encontrar espaços para dialogar e atuar juntos pelo bem comum e a promoção dos mais pobres" (FT 282). Diante da proliferação de religiões e seitas religiosas fundamentalistas, o grande desafio para os povos da América Latina e do Caribe é

> ... retornar às nossas fontes para nos concentrarmos no essencial: a adoração de Deus e o amor ao próximo, para que alguns aspetos da nossa doutrina, fora do seu contexto, não acabem por alimentar formas de desprezo,

> ódio, xenofobia, negação do outro. A verdade é que a violência não encontra fundamento algum nas convicções religiosas fundamentais, mas nas suas deformações (FT 282).

Como o papa Francisco tão bem nos lembra, não se trata de impor doutrinas, mas de comunicar o amor de Deus (cf. FT 4). Em nossa realidade latino-americana e caribenha, é urgente e prioritário que as religiões expressem "o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita" (FT 1).

Índice

SUMARIO 5

APRESENTAÇÃO 7
Dom Jorge Eduardo Lozano

Meditação 1
AS SOMBRAS DE UM MUNDO FECHADO 11
Dom Rogelio Cabrera López

Meditação 2
UM ESTRANHO NO CAMINHO 17
Card. Leopoldo José Brenes Solórzano

Meditação 3
PENSAR E CRIAR UM MUNDO ABERTO 23
Card. Odilo P. Scherer

Meditação 4
UM CORAÇÃO ABERTO PARA O MUNDO 27
Dom Miguel Cabrejos Vidarte
A solidariedade vai além das fronteiras 27
Acolher, proteger, promover e integrar 29
A migração como uma fonte de enriquecimento cultural mútuo 30
O local em um horizonte universal 31

Meditação 5
A melhor política 33
Dom Luis José Rueda Aparicio
A realidade da política atual 34
A iluminação da política saudável..... 35
As ações propostas 36

Meditação 6
Diálogo e amizade social 39
Dom Juan Carlos Cardenas Toro
Diálogo que gera encontro..... 39
Um encontro que gera cultura..... 41
Cultura que se torna convivência..... 42
Convivência que constrói a amizade social..... 42

Meditação 7
Percursos dum novo encontro 45
Card. Cláudio Hummes

Meditação 8
As religiões a serviço da fraternidade no mundo.. 49
Dom Launay Saturno

O Conselho Episcopal Latino-americano – CELAM apresenta estas oito meditações da América Latina e do Caribe, inspiradas em cada um dos capítulos de *Fratelli tutti*, com o objetivo de incentivar a esperança e o compromisso com a cultura do encontro e do diálogo, que nos levará a construir pontes de fraternidade e amizade social.